

DOMINGO, 19 DE FEVEREIRO DE 1989

Meio Ambiente

Embaixador do Brasil contesta o "N.Y. Times"

MOISÉS RABINOVICI
correspondente

WASHINGTON — O embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira, escreveu uma carta ao jornal The New York Times para dizer que "o Brasil não quer queimar seu futuro", em resposta a um editorial publicado em 28 de dezembro.

A seção de cartas do Times publicou ainda ontem, além da defesa do Brasil pelo embaixador, uma advertência de um leitor sobre os perigos da destruição de florestas e uma sugestão de um terceiro leitor, Harry L. Freeman, vice-presidente executivo da companhia American Express: "Os Estados Unidos e outros países industriais podem liderar um pacote de redução de dívida para o Brasil. Em troca, o Brasil deve reforçar os compromissos para uma reforma econômica e outras condições — incluindo a implementação de seus programas de preservação da floresta tropical e a extinção de subsídios e de outras políticas que têm encorajado a destruição da Amazônia".

A carta do embaixador brasileiro, que abre a seção dos leitores, lembra que o povo e as autoridades brasileiras ficaram chocados com o assassinato do

sindicalista e ecologista Chico Mendes e diz como estão as investigações. Marques Moreira reconhece, na carta, a falta de recursos do País:

"Infelizmente, no Brasil, especialmente na região amazônica, não basta apenas vontade política. O desafio ecológico requer grandes recursos técnicos e financeiros para ser propriamente enfrentado (...). Damos as boas-vindas às sugestões positivas e à experiência da comunidade científica internacional e das organizações ecológicas."

Já a carta do leitor Richard B. Wilson, de Boston, que segue a do embaixador, critica outro editorial, do Post — A Dívida Brasileira Pode Salvar a Amazônia — do dia 3 de fevereiro, que "poderia ter argumentado melhor se mostrasse a conexão entre a destruição da floresta tropical e nosso dia-a-dia", ele diz que basta caminhar por uma farmácia para constatar que 25% dos remédios derivam das florestas tropicais. "Queimar a floresta tropical é como incendiar uma indústria de oxigênio. Permitindo as queimadas, estamos co-participando de um crime, destruindo indústrias naturais de ar e produtos farmacêuticos."

Tiros, antes da reunião de índios

ALTAMIRA — O comandante do 1º Batalhão da Polícia Militar de Altamira, o capitão Lima, enviou sexta-feira um grupamento de PMs para garantir a segurança na aldeia da Chácara Betânia, a 6 quilômetros da cidade, construída pelos índios Caiapós para abrigar cerca de 600 representantes de 30 nações que participarão, a partir de amanhã, do I Encontro das Nações Indígenas do Xingu. O reforço foi enviado porque às 19 horas de quinta-feira, de um Fusca em movimento, foram disparados dois tiros contra o acampamento, mas ninguém, ficou ferido.

Os autores do atentado não foram encontrados pela polícia. Os organizadores do encontro acreditam que os tiros foram disparados para criar um clima

de animosidade entre os índios e o movimento Pró-Cararaó, financiado por empresários e pela União Democrática Ruralista (UDR) de Altamira. O movimento defende a construção da Hidrelétrica de Cararaó, que os índios combatem por causa da inundação de várias áreas indígenas que a barragem pode causar. Um dos principais responsáveis pelo encontro, o cacique Paulinho Paiacá, tem uma posição firmada em relação a Cararaó e às grandes barragens da Amazônia. Ele acha que elas só trazem prejuízos não apenas aos índios como aos demais habitantes ribeirinhos da região e à natureza. O líder caiapó assegura que continuará empenhado, com o apoio de organismos internacionais, em impedir a liberação de recursos para as obras.



Cacique Paulinho Paiacá: barragens só trazem prejuízos

Elisa Ramos/AE-25/1/89